

UM CONVITE PARA NÃO ESQUECER: UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS DOS ATINGIDOS PELO ACIDENTE DA SAMARCO EM MARIANA (MG)

(An invitation to not forget: an analysis of the discussions of the achievements achieved by Samarco in Mariana (MG))

Georgiana Luna Batinga¹
PUC Minas

Flávia Pereira Dias Menezes²
CEFET – MG

Ludmila de Vasconcelos Machado Guimarães³
CEFET – MG

Cláudio Humberto Lessa⁴
CEFET - MG

RESUMO

Este estudo tem o objetivo de fazer uma análise das estratégias discursivas utilizadas pelos atingidos no rompimento da barragem pertencente à empresa Samarco, registradas em quatro edições do jornal “A Sirene: para não esquecer”. As edições são constituídas em um espaço midiático contra-hegemônico criado para dar voz aos atingidos e registrar suas narrativas. Para tanto, o corpus foi analisado à luz da teoria do contrato comunicacional de Charaudeau e da heterogeneidade mostrada do discurso de Authier-Revuz. As principais conclusões apontam que os jornais materializam esses discursos por meio de depoimentos que abordam as experiências vivenciadas e exploram suas perdas, dramas pessoais, lutos, memórias e expectativas. Cria-se, com o jornal, um espaço legitimador de autonomia e empoderamento.

Palavras-chave: Samarco. Atingidos. Mídia Contra-hegemônica. Heterogeneidade Discursiva.

ABSTRACT

This study aims to analyze the discursive strategies used by those affected in the breakdown of the dam owned by the company Samarco, recorded in four editions of the newspaper "The Siren: Not to Forget". The issues are constituted in a counter-hegemonic media space created to give voice to those affected and record their narratives. For this, the corpus was analyzed in light of Charaudeau's theory of communicational contract and the heterogeneity shown in Authier-Revuz's discourse. The main conclusions are that the newspapers

¹Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Administração na PUC Minas. Participa dos grupos de estudos em Marketing, Consumo e Sociedade da PUC Minas e de Estudos sobre Narrativas de Si a partir de Corpora e Suportes Diversos do CEFET - MG. Desenvolve pesquisas sobre linguagem e discursos organizacionais, com aportes na análise do discurso, história oral, história e narrativas de vida. E-mail: georgianaluna@yahoo.com.br

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens pelo CEFET-MG. Participa do grupo de pesquisa Mídia e Memória da PUC Minas. Desenvolve pesquisas sobre narrativas de vida, edição em audiovisual e análise do discurso. E-mail: flaviapdias@yahoo.com.br.

³ Professora do Programa de Pós-Graduação em Administração do CEFET-MG. Coordena o Núcleo de Estudos Organizacionais Sociedade e Subjetividade do CEFET-MG e participa como pesquisadora do grupo de pesquisas NERHURT/PUC Minas. Desenvolve pesquisas nas áreas: Clínicas do Trabalho, Psicossociologia, Psicanálise e suas interfaces com os Estudos Organizacionais. E-mail: vmguimaraes@hotmail.com.

⁴ Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens pelo CEFET-MG. Coordena o grupo de pesquisas Estudos sobre Narrativas de Si a partir de Corpora e Suportes Diversos (Narrar-se) do CEFET – MG. Desenvolve pesquisas sobre narrativas de si em diversos corpora e suportes. E-mail: claudiohlessa@gmail.com.

materialize these discourses through testimonies that approach the lived experiences and explore their losses, personal dramas, mourning, memories and expectations. It creates, with the newspaper, a legitimating space of autonomy and empowerment.

Keywords: *Samarco. Affected. Counter-hegemonic Media. Discursive Heterogeneity.*

Recebido em: setembro 2017

Aceito em: maio 2018

[DOI: 10.26512/les.v19i2.16876](https://doi.org/10.26512/les.v19i2.16876)

INTRODUÇÃO

Contextualizando a discussão levantada por esse artigo, sua problemática insere-se no cenário do acidente ocorrido na tarde do dia 5 de novembro de 2015, o rompimento da barragem do Fundão, da mineradora Samarco, localizada na cidade histórica de Mariana (MG), responsável pelo lançamento de 34 milhões de m³ de lama no meio- ambiente, resultado da produção de minério de ferro extraído pela mineradora Samarco, empresa controlada pela Vale e pela britânica BHP Billiton. Seiscentos e sessenta e três quilômetros de rios e córregos foram atingidos; 1.469 hectares de vegetação comprometidos; 207 edificações foram soterradas no distrito de Bento Rodrigues, localizado próximo a Mariana. Foi considerada a maior catástrofe ambiental da história do país (BRASIL, 2015).

A enxurrada de rejeitos da mineração formou uma onda de lama que se espalhou pela região e, em questão de horas, chegou ao rio Doce, cuja bacia é a maior da região Sudeste do país com uma área total de 82.646 quilômetros quadrados, equivalente a duas vezes o Estado do Rio de Janeiro. A lama avançou pelo rio e seus afluentes, chegando ao oceano, no estado do Espírito Santo, dezesseis dias depois do acidente. Laudos técnicos do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) e da Agência Nacional das Águas (ANA), afirmam que “o nível de impacto foi tão profundo e perverso, ao longo de diversos estratos ecológicos, que é impossível estimar um prazo de retorno da fauna ao local, visando ao reequilíbrio das espécies na bacia” (BRASIL, 2015).

As consequências do rompimento da barragem não se limitam aos aspectos ambientais. Um povoado inteiro desapareceu, são 19 vítimas fatais, dentre elas, 14 trabalhadores terceirizados a serviço da Samarco, e mais de 600 famílias desabrigadas. São trabalhadores da Samarco e de terceirizadas, agricultores familiares e camponeses, pescadores artesanais, faiscadores, comunidades tradicionais, o povo indígena Krenak, trabalhadores e artesãos envolvidos com o turismo regional. Vale ressaltar, que centenas de famílias se viram obrigadas a abandonar suas moradias em Barra Longa, Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo, distritos de Mariana. O prejuízo não pode ser resumido apenas em perdas materiais. Essas pessoas perderam seus laços culturais, sua noção de vizinhança, o

pertencimento a uma história e a um ambiente que moldou seu modo de viver. Tiveram excluídos seus bens, trabalho, registros, documentos e as recordações acumuladas no curso de suas vidas. Passaram a viver em condições provisórias e precárias, a elas impostas, afastadas de seu ambiente sociocultural e das condições necessárias para a sua reprodução social. Subtraídas em sua autonomia, vivem sob um sofrimento social imputado pela dependência em relação a empresas e às instituições (FIOCRUZ, 2016).

Vale ressaltar que o tema se insere em uma agenda maior, qual seja a atividade de mineração brasileira. É de conhecimento público que a atividade minerária representa uma importante fonte de recursos para o Estado de Minas Gerais. Este é considerado pelo Instituto Brasileiro de Mineração (IBRAM) o mais importante para o setor, pois representa 53% da produção do país e, das cem maiores minas, 40 estão em suas terras. Essa relação de Minas com a mineração é permeada de sentimentos de apropriação e medo, e o caso do rompimento da barragem da Samarco, em Mariana, uma das principais cidades produtoras de minério do Estado, mostra isso. Em meio ao caos e a perdas devastadoras, o prefeito da cidade, Duarte Júnior (PPS), por diversas vezes disse em pronunciamentos públicos, que se a Samarco saísse de lá, Mariana pararia. Seus pronunciamentos foram seguidos de protestos em defesa da mineração para tentar preservar empregos e a economia local (O TEMPO, 2015).

A intensa cobertura da mídia focou o acontecimento, especialmente, no prejuízo socioambiental em detrimento das perdas sofridas pelas pessoas atingidas direta e indiretamente. Não que se deseje, aqui, eleger uma hierarquia daquilo que seja mais ou menos importante. Tudo é importante. A questão é que o discurso hegemônico silenciou a voz dessas pessoas que foram relegadas a um lugar de esquecimento. A falta de imparcialidade da mídia hegemônica fere os interesses dos grupos minoritários, representados pelas vítimas, que se organizam em movimentos sociais específicos de “atingidos pela mineração”, ou “atingidos pelas barragens”. Por que não se dá voz a essas pessoas? Por que as calam? Por que essa censura?

Neste sentido, em meio a esse caos, surge o “Movimento Um Minuto de Sirene” que, dentre outras ações, institui um veículo de comunicação, o jornal “A Sirene: para não esquecer”, como um espaço midiático contra-hegemônico, cuja finalidade é ouvir e materializar narrativas e depoimentos da comunidade atingida, outorgando-lhe voz, criando um espaço legitimador de autonomia e empoderamento, através da livre circulação de informações e do fortalecimento de suas reivindicações. Dessa maneira, esse estudo tem como objetivo fazer uma análise das estratégias discursivas utilizadas pelos moradores atingidos pelo desastre, registradas nas quatro primeiras edições do jornal. As experiências vividas no antes, no durante e no depois do rompimento da barragem de Fundão, as angústias das perdas, dramas, lutos, memórias e expectativas são

materializadas nos veículos de comunicação. A importância de se manter o registro se dá em função de que o crime não ficou no passado, ele encontra-se no presente. Como relatado por uma atingida, “o acidente não aconteceu, está acontecendo”. Sendo assim, para fazer a análise por meio da heterogeneidade mostrada no discurso de Authier-Revuz, operamos um recorte temático que visou sintetizar os assuntos abordados separados pelas seguintes categorias: “Análise da mídia: ‘Celebidades da desgraça’”; “Críticas à Samarco”; “Lembranças do dia fatídico e de onde moravam”; e “Mobilização e expectativas”. As temáticas escolhidas devem-se pela ocorrência e destaque dado pelas edições do jornal.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 *Corpus de análise: o jornal “A Sirene: para não esquecer”*

A nomeação “A Sirene” refere-se ao instrumento de alerta sonoro presente em áreas onde há moradores próximos a barragens de rejeito. O uso de sirenes é obrigatório para alertar comunidades vizinhas em casos de emergência e desastre. No caso de Mariana, a sirene não foi tocada e estima-se que pelo menos parte das mortes e desaparecimentos poderia ter sido evitada pelo acionamento dos alarmes sonoros. Não querendo silenciar nesse momento de grandes perdas, os moradores se mobilizaram e criaram #Um minuto de Sirene e a partir do grupo, produziram o jornal como forma de registrar e materializar os discursos dos atingidos e para que a história não se perca.

A iniciativa nasceu, portanto, da união entre atingidos e os grupos de apoio #Um minuto de Sirene, Arquidiocese de Mariana e Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal de Ouro Preto (ICSA/UFOP). Com tiragem de dois mil exemplares cada edição, o projeto se propõe unir e informar as pessoas e famílias, fazendo, assim, circular informação de interesse para o público atingido, preservar a memória, e consequentemente, fortalecer a luta pelos direitos. Produzido com o objetivo de dar voz aos atingidos do rompimento da barragem, o jornal impresso, com acesso na versão digital, “A Sirene – Para não esquecer”, de periodicidade mensal, começou a ser veiculado a partir de fevereiro de 2016. Trata-se de um jornal que contempla falas dos atingidos e reporta assuntos como a presença da mídia na cobertura do acontecimento, a perda de bens materiais e de parentes, as expectativas de vida pós-acontecimento, os direitos dos atingidos, agenda de mobilização da comunidade, a atuação da Samarco na reparação de danos, entre outros assuntos. Coincidência ou não, a primeira edição do jornal foi publicada no mesmo mês em que a empresa de mineração Samarco divulgou, em rede nacional, na televisão aberta brasileira, o vídeo institucional no qual testemunhos individuais de funcionários da empresa mostram as ações e o empenho da empresa em

ajudar as pessoas que foram atingidas pelo rompimento da barragem, assumindo as responsabilidades e afirmando honrar os compromissos com a sociedade.

Essa primeira edição foi construída na expectativa de contribuir para a autonomia e o empoderamento de todos, através da livre circulação de informações e do fortalecimento das reivindicações das comunidades atingidas. A Sirene é um jornal feito pelos atingidos para os atingidos. Mais uma ferramenta de apoio para que a comunicação e a preservação das suas memórias se tornem seus patrimônios. Um convite a todos para não esquecer. (A SIRENE, edição 0, p.2)

A composição visual do jornal “A Sirene” apresenta similaridade com a de um jornal de referência da comunicação de massa, como a presença de fotografia, texto, títulos, entre outros; porém nas questões que envolvem os modelos de jornalismo, como o informativo, o interpretativo e o opinativo, há a predominância do gênero de opinião. Existem editorias que fogem do padrão jornalístico e, na maioria das vezes, a almejada objetividade jornalística (não na acepção de neutralidade e imparcialidade)⁵ não é contemplada. E talvez seja essa mesma a intenção do próprio do jornal, ou seja, fugir das regras impostas pela grande mídia e conduzir um jornal que aproxime e “fale a mesma língua” dos atingidos com o qual se identifiquem. Além da presença de gêneros jornalísticos, como editorial, entrevistas, notícias e reportagens, há seções que exploram outras estruturas textuais como poesias, desenhos, cronograma, resumo de atas de reuniões e agenda. Na maioria dos textos presentes no jornal, foram utilizadas as aspas sem a presença do jornalista na condução das falas, ou seja, prevaleceu o discurso direto sem entremeios.

Em todas as edições, como estrutura fixa, há o Editorial e as seções “A gente explica” e “Agenda”, mesmo que na primeira edição a nomeação para esta editoria tenha ficado “Que horas é a reunião?”. Pertencente ao gênero opinativo, o editorial é o espaço de excelência para que o jornal manifeste, de forma explícita, a opinião de seus donos. A abordagem dos assuntos reflete, com clareza, a opinião do jornal. A seção “A gente explica” é conduzida com a utilização de termos e expressões que, de alguma forma, têm ligação com a situação dos atingidos. Similar à disposição de um dicionário, há a citação de uma palavra e logo em seguida a explicação do significado daquela. *Amor, agronegócio, direito, identidade, indenização, acordo, processo, casa, saudade* são algumas palavras utilizadas.

“Um jornal feito com e para eles”. Assim “A Sirene” se apresenta e busca tornar públicas as condições físicas e emocionais dos atingidos; questiona a atuação e ações da empresa Samarco; reivindica a punição dos responsáveis; resgata a história dos moradores dos distritos, a vida tranquila

⁵ Pena (2007) assegura que a objetividade jornalística seria um método de trabalho capaz de determinar algum rigor científico ao jornalismo e tentar reduzir a influência da subjetividade no relato dos acontecimentos. PENA, Felipe. Teoria do jornalismo. São Paulo: Contexto, 2007

que tinham antes do acontecimento, a amizade entre eles; e traz especialista na área jurídica para explicar os direitos.

A noção de contrato proposto por Patrick Charaudeau (2010), dentro do escopo da corrente analítico-discursiva, Teoria Semiolinguística, criada pelo autor, é fundamental para compreender os aspectos situacionais e discursivos referentes ao *corpus*. Inserida em uma perspectiva pragmática ligada a uma dimensão psicossocial, o seu principal objeto é a linguagem. A forma de analisar o discurso, nessa corrente de análise do discurso, se apresenta essencialmente comunicativa. O estudo da comunicação entre diferentes sujeitos na vida social tem um espaço privilegiado.

Entre os compromissos teóricos de Charaudeau, estão as múltiplas dimensões envolvidas em um ato de linguagem, um dos pontos-chaves da teoria, e a intencionalidade dos sujeitos. Destacam-se, ainda, a articulação entre os planos situacional e linguístico e a importância atribuída às interações sociais. Os atos de linguagem são atos comunicativos carregados de intenções e motivações, onde o “eu” que fala ou escreve dirige-se a um “tu”.

Nessa teoria, os interlocutores do discurso estão envolvidos em um contrato, sendo que aqueles se reconhecem mutuamente como parceiros de comunicação e são movidos por intenções. Assim, toda situação de comunicação depende de um contrato constituído por componentes que concebem o circuito situacional, em que estão definidas as identidades dos interlocutores, a finalidade da situação de comunicação, propósito temático e suporte no qual a interação se realiza; e por estratégias discursivas empenhadas de cada interlocutor constitutivas do circuito linguístico que representam as condições que o sujeito comunicante possui e são as suas escolhas discursivas que produzirão efeitos específicos em seu destinatário. É na interdependência desses dois circuitos que o ato de comunicação revela sua intencionalidade e significância.

Os pressupostos inerentes a uma relação contratual são a legitimidade e credibilidade. A legitimidade se constitui a partir da posição que o sujeito ocupa nas situações de interação através de sua identidade social; e a credibilidade, estabelecida na própria enunciação, está na capacidade do sujeito de se instaurar como autoridade através do discurso. Os objetivos comunicativos que predominam no jornal são informação e opinião, pois são elas que traduzem a perspectiva desse contrato de comunicação. A intencionalidade psicosóciolinguística que determina a expectativa do ato de linguagem do sujeito falante e da própria troca linguística é denominada por Charaudeau (2004) de visadas.

Na Análise do Discurso, o termo ‘visadas discursivas’ refere-se ao uso de instruções situacionais onde o sujeito falante se orienta a fim de obter legitimidade e/ou captar a audiência do sujeito destinatário para além da ancoragem situacional. As visadas, segundo o autor, são da ordem da *prescrição*, em que o Eu quer “mandar fazer”, e ele tem autoridade de poder sancionar; da

solicitação, o Eu quer “saber”, e ele está, então, em posição de inferioridade de saber diante do Tu, mas legitimado em sua demanda, enquanto o Tu está em posição de “dever responder” à solicitação; da *incitação*, o Eu quer “mandar fazer”, mas, não estando em posição de autoridade, não pode senão incitar a fazer, neste caso, então, ele deve “fazer acreditar” (por persuasão ou sedução) ao Tu que ele será o beneficiário de seu próprio ato; da *informação*, o Eu quer “fazer saber”, e ele está legitimado em sua posição de saber; o Tu se encontra na posição de “dever saber” alguma coisa sobre a existência dos fatos, ou sobre o porquê ou o como de seu surgimento; da *captação*, quando o Eu quer “fazer sentir” e aciona estratégias capazes de seduzir o espectador através de estados emocionais aptos a movimentar toda uma ação dramatizante desse Tu; da *instrução*, o Eu quer “fazer saber-fazer” e ele se encontra ao mesmo tempo em posição de autoridade de saber e de legitimação para transmitir o saber e o Tu está em posição de “dever saber fazer”; e da *demonstração*, o Eu quer “estabelecer a verdade e mostrar as provas” segundo certa posição de autoridade de saber e o Tu está em posição de ter que receber e “ter que avaliar” uma verdade e, então, ter a capacidade de fazê-lo.

As visadas devem ser consideradas do ponto de vista da instância de produção que tem em perspectiva um sujeito destinatário ideal. Mas devem ser reconhecidas como tais pela instância de recepção, sendo necessário que o locutor e o interlocutor possam recorrer a elas. Como “A Sirene” tem a intenção de transmitir um saber sobre os fazeres dos atingidos, a quem se presume não possuí-lo, a visada predominante é a da informação. Na visada informativa, o Eu quer “fazer saber”, sendo legitimado em sua posição de saber; e o Tu se encontra na posição de “dever saber” alguma coisa sobre a existência dos fatos ou sobre o porquê ou o como de seu surgimento. A finalidade da comunicação midiática proposta pelos atingidos, portanto, é disseminar pontos de vistas dos atingidos e levar conhecimento às pessoas. O discurso informativo, segundo Charaudeau (2013, p. 63), tem relação estreita com os imaginários do saber e do poder. “Informar é possuir um saber que o outro ignora (‘saber’), ter a aptidão que permite transmiti-lo a esse outro (‘poder dizer’), ser legitimado nessa atividade de transmissão (‘poder de dizer’).” No jornal, há também a visada de incitação, pois o veículo de comunicação utiliza uma estratégia de fazer crer que atribui ao “tu” (o interlocutor) uma posição de dever crer.

Uma das funções do jornalismo é permitir que o cidadão receba informações através de uma produção jornalística que atenda ao interesse público e à demanda social, mesmo porque, o fluxo de informações é decisório para o exercício da cidadania e imprescindível instrumento democrático. E o entendimento dos acontecimentos passa pela decodificação que o receptor faz, partindo do seu universo de significação que é extremamente heterogêneo, sendo influenciado por diferenças de educação, classe social, renda, entre outros. Charaudeau (2010) aponta quatro critérios empregados pela mídia para que os atores sociais sejam considerados dignos de se tornarem visíveis, sendo que

em alguns momentos correspondem a objetivos de credibilidade e, em outros, de captação, são eles: critério de notoriedade; critério de representatividade, critério de expressão e critério de polêmica.

O critério de notoriedade está relacionado a uma das funções da mídia que é dar conta dos atores que estejam mais em foco devido às suas responsabilidades coletivas e, desta forma, coloca-se o problema de acesso às mídias para os anônimos e os grupos minoritários. O critério de representatividade, justificado pelas mesmas razões do critério de notoriedade, porém circunscreve o espaço público à democracia política e civil, na medida em que se limita a atores que pertencem a grupos reconhecidos como detentores de poder ou contrapoder, como, por exemplo, pessoas do governo e dos sindicatos. O critério de expressão, mais justificado pelo processo de captação, se refere às escolhas por parte da mídia de pessoas que falam com clareza e simplicidade. Por fim, o critério de polêmica, que também se justifica pela captação, que seriam a organização de confrontos entre pessoas que possuem posições antagônicas, que gostam de polemizar e fazem declarações bombásticas.

1.2 O jornal “A Sirene: para não esquecer” como um espaço contra-hegemônico

Analisando os objetivos e motivações, é possível enquadrar o jornal “A Sirene” como uma agência alternativa de comunicação, que, embora possua outras conceituações, opta-se neste estudo por utilizar a definição de Moraes (2013), que a compreende uma agência alternativa de comunicação como “o espaço que rejeita os controles ideológicos da mídia convencional, recorrem à ambiência descentralizada e interativa para renovar sistêmicas de produção, difusão e circulação social de informações, em moldes colaborativos e não lucrativos”. Além disso, “difundem conteúdos de contestação às formas de dominação impostas por classes e instituições hegemônicas, ao mesmo tempo em que priorizam temáticas relacionadas aos direitos da cidadania e à justiça social”. (MORAES, 2013, p. 103).

Na perspectiva de Gramsci, segundo Moraes (2013), a imprensa, o jornalismo e os jornalistas “são agentes históricos essenciais no direcionamento da opinião pública, interferindo nos processos de conservação ou modificação das formas de hegemonia político-culturais”. A modificação das formas hegemônicas ocorre por meio de projetos jornalísticos alternativos, comprometidos com ações contra-hegemônicas. Ações contra-hegemônicas são compreendidas como instrumentos para criar uma nova forma ético-política, cujo alicerce programático é o de denunciar e tentar superar as condições de marginalização e exclusão impostas a amplos estratos sociais pelo modo de produção capitalista.

Neste sentido, o objetivo da mídia alternativa é o de reivindicar, mostrar o pluralismo, o valor das histórias e culturas e motivar-nos à reflexão sobre o “mundo vivido”; é explorar as “brechas” e “contradições” dentro da mídia hegemônica; rejeitar a mercantilização da notícia e da informação; oferecer alternativas até então silenciadas ou indisponíveis pelos canais de comunicação controlados por um pequeno número de organizações de notícias. Trata-se de um jornalismo que leva em conta diferentes contextos e circunstâncias histórico-sociais, bem como diversidade de pontos de vista. Para Paiva (2008, p. 164), “é no entendimento de que o ‘contra’ se define pela visceralidade da oposição – e não por um mero revezamento de forças contraditórias – que reside possivelmente a compreensão daquilo que se pode pautar ideologicamente como uma postura contra-hegemônica”.

Neste sentido, e já propriamente inseridos no campo midiático, podemos não só afirmar que os meios contra-hegemônicos não almejam uma simples substituição na ocupação do lugar hegemônico, como também podemos dizer que estes residem no fato de nunca objetivarem a posição hegemônica e todas as suas peculiaridades (MEDEIROS, 2015, p. 5).

As propostas editoriais se comprometem com valores e pautas que valorizam a exploração de espaços proporcionados pela ambiência descentralizada; baixos custos de difusão; notícias dinâmicas, mais participativas e não mercantilizadas; assumem a causa da democratização da informação e do conhecimento; alinhamentos: política; direitos humanos, meio ambiente, habitação, reforma agrária, assuntos sindicais, trabalhistas, etnias, gêneros, etc. boa parte atua em prol de causas específicas, sob o lema: “todos podemos romper o cerco midiático”. O jornal “A Sirene” surge como esse espaço que elege a voz dos moradores atingidos pelo rompimento da barragem da Samarco, visando romper o cerco midiático e a manipulação de informações, consolidando um espaço autônomo de informação e difusão contra-hegemônica, no qual se articulam valores que se colocam contra o jornalismo mercantilizado das grandes empresas: transparência e pluralismo. Essas intencionalidades do jornal podem ser constatadas no editorial da primeira edição: “Essa primeira edição foi construída na expectativa de contribuir para a autonomia e o empoderamento de todos, através da livre circulação de informações e do fortalecimento das reivindicações das comunidades atingidas”. (A SIRENE, edição 0, p.2)

Com a finalidade de adentrar no conteúdo discursivo materializado do jornal, este estudo recorre à discussão da heterogeneidade, referendada pela linguista Jacqueline Authier-Revuz, para analisar as narrativas e os depoimentos dos atingidos, registrados em quatro edições. O próximo tópico se dedica a apresentar essa abordagem teórica que orientará a análise.

1.3 A heterogeneidade constitutiva e mostrada

Apesar da pluralidade de perspectivas que se referem ao funcionamento da linguagem dentro das complexas situações de comunicação, a análise do discurso é um instrumento capaz de auxiliar na interpretação dos efeitos de sentidos presentes nos enunciados e desvendar as relações entre o material analisado e o contexto social que o gerou. O artigo vincula-se a uma abordagem que tem o objetivo de examinar as relações entre as práticas discursivas e o meio histórico-social. Authier-Revuz (2004) aborda a heterogeneidade mostrada e constitutiva do discurso, sendo uma importante teoria para identificar o agenciamento de vozes nos textos em questão. Fundamentada pelo dialogismo do círculo de Bakhtin⁶ e na psicanálise marcada por Lacan, o discurso na heterogeneidade constitutiva se estabelece independente de qualquer traço de citação. Maingueneau (1997, p. 75) ressalta que essa heterogeneidade não é marcada em superfície, mas que a Análise do Discurso “pode definir, formulando hipóteses, através do interdiscurso, a propósito da constituição de uma formação discursiva⁷”. Os discursos, portanto, se misturam de forma implícita. Authier-Revuz (2004) os define como um jogo de fronteiras e de interferência. Mesmo que não tenha marcas de heterogeneidade mostrada, toda unidade de sentido “pode estar inscrita em uma relação essencial com uma outra, aquela do ou dos discursos em relação aos quais o discurso de que ela deriva define sua identidade” (MAINGUENEAU, 1997, p. 120).

No caso da heterogeneidade mostrada, há a presença do outro no fio do discurso de forma explicitada a partir de uma diversidade de fontes de enunciação. Existem formas não marcadas dessa heterogeneidade e formas marcadas ou explícitas.

O coenunciador identifica as formas não marcadas (discurso indireto livre, alusões, ironia, pastiche...) combinando em proporções variáveis a seleção de índices textuais ou paratextuais diversos e a ativação de sua cultura pessoal. As formas marcadas, ao contrário, são assinaladas de maneira unívoca; pode tratar-se de discurso direto ou indireto, de aspas, mas também de glosas que indicam uma não-coincidência do enunciador com o que ele diz (modalização autonímica) (CHARAUDEAU E MAINGUENEAU, 2014, p.261).

As manifestações mais clássicas do discurso relatado são representadas, portanto, pelo discurso direto, indireto, indireto livre e também pela “modalização do discurso em discurso segundo”, conforme destaca Authier-Revuz (2004). O discurso direto se fundamenta na aparição de um segundo “locutor” no enunciado atribuído a um primeiro “locutor”. Maingueneau (1997, p.85) destaca que o discurso indireto e até mesmo o direto, não é uma reprodução literal das alocações

⁶ “Círculo de Bakhtin” foi o nome dado ao grupo de estudiosos russos, liderado pelo filósofo e pensador Mikhail Bakhtin, que se reuniam para os estudos científicos e filosóficos.

⁷ A noção de formação discursiva é utilizada para compreender a produção dos sentidos e a relação com a ideologia e permite estabelecer regularidades no funcionamento do discurso.

citadas, e sim “uma espécie de teatralização de uma enunciação anterior e não uma similitude absoluta”. Já o discurso indireto livre está presente nos

Deslocamentos, nas discordâncias entre a voz do enunciador que relata as alocações e a do indivíduo cujas alocações são relatadas. O enunciado não pode ser atribuído nem a um nem ao outro, e não é possível separar no enunciado as partes que dependem univocamente de um ou de outro (MAINGUENEAU, 1997, p.97).

Outra forma do discurso relatado é a “modalização do discurso em discurso segundo” que é representada pelos enunciados “Segundo X”, “De acordo”; e assim, se insere outro no discurso. O discurso relatado, para a análise do discurso, pode ser gerenciado a fim de ocultar-se por trás do dizer do outro ou ainda, sugerir o que pensa, sem se responsabilizar pelo dito.

Aí reside toda a ambiguidade do distanciamento: o locutor citado aparece, ao mesmo tempo, como o não-eu, em relação ao qual o locutor se delimita, e como a ‘autoridade’ que protege a asserção. Pode-se tanto dizer ‘o que enuncio é verdade porque não sou eu que o digo’, quanto o contrário (MAINGUENEAU, 1997, p.86).

Todas as manifestações do discurso relatado trazem para o plano do enunciado um outro ato de enunciação. No discurso indireto e na “modalização do discurso em discurso segundo”, o locutor atua como tradutor “fazendo uso de suas próprias palavras, ele remete a um outro como fonte do ‘sentido’ dos propósitos que ele relata. Já no discurso direto são as próprias palavras do outro explicitamente mostradas pela citação na frase, ‘o locutor se apresenta como simples porta-voz’” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.12)

Todo discurso se mostra constitutivamente atravessado pelos ‘outros discursos’ e pelo ‘discurso do Outro⁸’. O outro não é um objeto (exterior, do qual se fala), mas uma condição (constitutiva, para que se fale) do discurso de um sujeito falante que não é fonte-primeira desse discurso (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 69).

Ampliando a visão bakhtiniana, a autora afirma que as formas sintáticas também determinam a demarcação do “outro” nos discursos, haja vista que

No discurso indireto, o locutor se comporta como tradutor: fazendo uso de suas próprias palavras, ele remete a um outro como fonte do “sentido” dos propósitos que ele relata. No discurso direto, são as próprias palavras do outro que ocupam o tempo – ou o espaço – claramente recortado da citação na frase; o locutor se apresenta como simples “porta-voz”. Sob essas duas diferentes modalidades, o locutor dá lugar

⁸ Na perspectiva teórica referendada por Authier-Revuz, o Outro corresponde ao inconsciente da teoria lacaniana, enquanto o outro se refere ao interlocutor.

explicitamente ao discurso de um outro em seu próprio discurso (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 12).

Os enunciados relatados em discurso direto, portanto, marcam sua alteridade, manifestada pela ruptura sintática entre o discurso que cita e o discurso citado. (MAINGUENEAU, 1997). Diante do exposto sobre a heterogeneidade constitutiva e mostrada, é propício iniciarmos as análises dos discursos no *corpus* escolhido.

2. ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS DOS ATINGIDOS

A análise de quatro exemplares se detém principalmente nas falas dos atingidos. No jornal, há fortes ocorrências do discurso relatado, principalmente do discurso direto pelo uso de aspas. Para facilitar a análise, subdividimos os enunciados em quatro categorias de acordo com as seguintes temáticas: críticas à mídia; críticas à empresa Samarco; memória do lugar onde viviam e perda; e mobilização e expectativas. Na categoria “Análise da mídia: ‘Celebriedades da desgraça’”, busca-se analisar a posição, a opinião dos atingidos com relação à atuação da mídia na cobertura do acontecimento. Na categoria “Críticas à Samarco”, o intuito é reunir as falas dos atingidos que demonstraram insatisfação com o andamento das ações da Samarco na reparação dos danos causados. Já na categoria “Lembranças do dia fatídico e de onde moravam” busca-se analisar o resgate das recordações e memória dos atingidos no dia acontecimento, a dor da perda e o espírito de solidariedade que assolou entre eles. E por fim, a categoria “Mobilização e Expectativas” que aborda as ações das vítimas e o que buscam/querem do futuro.

2.1 Categoria “Análise da mídia: ‘celebriedades da desgraça’”

Percebeu-se que os atingidos sentiram a necessidade de abordar, na primeira edição do jornal, o primeiro contato dos profissionais de jornalismo com a comunidade. O título “Ser celebridade da desgraça”, o uso das falas entre aspas e a não identificação dessas falas revelam o incômodo dos moradores em geral com a presença constante dos jornalistas. Subentende-se que na visão dos atingidos, os jornalistas invadiram a privacidade deles com o objetivo de divulgar seu trabalho, sem se importarem com a dor do momento e as perdas recentes. A categoria “Análise da mídia: celebridades da desgraça” faz alusão ao título dado a essa matéria que na edição seguinte voltou a abordar o papel dos jornalistas. Os enunciados foram assim postos pelo jornal:

1. “Estavam fazendo o trabalho deles”

2. “No céu, outra tempestade, só que de helicópteros da Globo, SBT, Record. Nenhum nos ajudou”
3. “Estou com birra de jornalista”
4. “Por que nos fazem perder tempo, reviver coisas tão dolorosas se já sabem as respostas que querem?”
5. “Surpresa, desconforto, gratidão e medo de jornalista”
6. “Eles só publicam o que querem”
7. “Se não levarem a notícia do jeito que foram mandados, perdem o emprego”
8. “O que incomoda é ser celebridade da desgraça”
9. “Quem devia ter chegado tão rápido quanto eles eram os bombeiros, que demoraram e desistiram das buscas por volta das dez da noite”
10. “Eles têm muito poder, que prejudica e às vezes ajuda”

Com o título “Ser celebridade da desgraça”, a primeira edição do jornal explorou a relação mídia/jornalistas e atingidos. Nos trechos acima, percebe-se que todas as vozes apresentadas pelos enunciados estão em discurso relatado e com a utilização das aspas. Nos excertos 2, 3, 4, 6 e 8, os locutores demonstram receio, resistência e fazem críticas ao trabalho de jornalistas e da mídia. Nos excertos 5 e 10, eles reconhecem o poder da mídia, mas ao, mesmo tempo fazem críticas à conduta de jornalistas. Já nos excertos 1 e 7, há o reconhecimento do trabalho desempenhado pelos profissionais.

Percebe-se que o locutor/jornal busca, por meio da adesão dos dizeres dos atingidos, legitimar que a mídia prejudica e utiliza de seus artifícios para mostrar o sofrimento das pessoas e é isso que dá audiência para o veículo de comunicação, mas, ao mesmo tempo, destaca a importância de seu papel na sociedade. Como observado no enunciado 9, o locutor parece manifestar um descrédito em relação à eficiência de órgão do governo (bombeiro) quando ele expressa que os jornalistas chegaram antes, até mesmo, de uma instituição que poderia ajudá-los e tem como missão salvar vidas.

O uso de aspas indica, para Authier-Revuz, uma ausência, um vazio a ser preenchido interpretativamente. Além desses aspectos, Maingueneau e Charaudeau (2014), mostram que as aspas também exercem a função de chamar a atenção do receptor, dar ênfase sobre o fato de ele empregar precisamente essas palavras que coloca entre aspas.

Na segunda edição do jornal, na editoria “Hoje o repórter sou eu!”, o jornal fez o inverso e entrevistou dois repórteres: Daniel Camargos, do jornal *Estado de Minas* e Roberto Verona, da *Rádio Mariana*. Em uma das falas, o repórter Daniel diz: “O papel do jornalista não é ter opinião. Não podemos assumir o papel de juiz. Claro que tenho a minha opinião, mas ela não pode ir para o papel. O nosso trabalho é contar as histórias. Não pensem que fazer esse trabalho não é chato para a gente. Somos humanos também, a gente sofre” (A SIRENE, edição 1, março 2016, p. 7). A voz do jornalista, neste enunciado, corrobora a visão de alguns atingidos sobre a mídia no que diz respeito ao trabalho

do jornalista que é o de contar as histórias e, ao mesmo tempo, confronta com as falas de alguns atingidos que achavam que o jornalista deveria salvar vidas.

2.2 Categoria “Críticas à Samarco”

Em todas as edições analisadas, buscou-se levantar discussões sobre o papel e atuação da Samarco na reparação dos danos causados para a comunidade atingida. Na maioria das vezes, o jornal destacou os compromissos não cumpridos ou atrasados pela empresa, por isso optamos pela análise da temática “Críticas à Samarco”. Na edição de junho de 2016, o jornal trouxe o título “Eu, a Samarco e o fim da Alegria”, Alegria aqui se referindo à Vila da Alegria que, segundo os moradores, a Samarco utilizou um espaço próximo para depositar seus rejeitos. Na edição número 1, editoria “Agenda de março”, no subtítulo “Cobranças, atrasos, promessas e negativas”, (Essas designações trata-se de uma categoria chamada ‘deverbais’, um processo morfológico em que há criação de palavra pela mudança de classe, de verbo passa a substantivo. Com o uso desses termos, que sinalizam valores axiológicos negativos, o enunciador do jornal atribui características negativas ao discurso da Samarco) o jornal utilizou a primeira pessoa do plural para mostrar a atuação e o empenho da população em cobrar os reparos dos danos pela Samarco. Os enunciados foram assim postos:

1. Cobramos da empresa o início do pagamento das OTRs (Ocupação Trabalho e Renda) para as famílias que possuem mais de um contribuinte para a renda familiar. O compromisso de pagar um salário mínimo para cada contribuinte foi proposto pela própria empresa em janeiro, mas ainda não foi iniciado (a empresa se recusou a marcar um prazo para o início do pagamento). Observa-se aqui outro discurso relatado da Samarco que visa mostrar que o prometido não foi cumprido. Busca-se, assim, construir uma imagem negativa da mineradora, mostrar o quão ela é incoerente.
2. Cobramos da empresa o atraso no pagamento dos aluguéis de algumas casas (falaram em problema de documentação de alguns imóveis) e a montagem do escritório da comissão solicitada em reunião anterior (prometeram para o dia 08/03).
3. Cobramos a marcação de um prazo para início das negociações com quem não quer ser reassentado nas novas comunidades e que indenização pelos prejuízos causados pelo rompimento da barragem (a empresa alegou que ainda não tem como marcar tal prazo, pois depende da finalização do acordo com a União). Outro discurso relatado que atribui à empresa essa fala.
4. Reclamamos de problemas no funcionamento do cartão fornecido pela empresa, que não está permitindo saques.

Percebe-se que em todos os quatro enunciados, há avaliações negativas das ações da Samarco e sinalizam que os direitos prometidos pela empresa não foram garantidos. Os enunciados, mesmo não vindos entre aspas, colocam as opiniões dos atingidos ao trazer o verbo na primeira pessoa do plural (nós). Aqui se observa que se trata de discurso relatado, na modalidade de discurso indireto: alegou que; e discurso narrativizado em “foi proposto que...”

Os enunciados trazem críticas no que diz respeito à condução do trabalho da empresa que, na visão dos atingidos, não está cumprindo com suas responsabilidades. É importante frisar que todas as ocorrências reforçando a noção de união dos atingidos e também de que a não atenção da Samarco para com os atingidos não é apenas um caso esporádico ou singular de não recebimento de um benefício, mas a situação de abandono por parte da empresa é geral, com todas as vítimas. Percebe-se que os prazos estipulados e os compromissos assegurados pela empresa são colocados em xeque pelos atingidos.

Nos enunciados 1, 2 e 4, frisa-se o não pagamento da Samarco aos atingidos, sugerindo, portanto, a falta de compromisso e responsabilidades aos reparos da empresa com as vítimas. No enunciado 3, está explícito que os atingidos reivindicam seus direitos, a indenização pelos danos e não querem se silenciar neste momento. As vozes do discurso revelam que os atingidos estão mobilizados e estão atentos aos prazos.

2.3 Categoria “Lembranças do dia fatídico e de onde moravam”

A terceira categoria analítica “Lembranças do dia fatídico e de onde moravam” foi a mais recorrente nas edições analisadas. Na edição zero, um dos títulos foi “Quem foi sua sirene?” Em que os atingidos relataram o dia 5 de novembro de 2015, dia do rompimento da barragem, como foi a fuga da lama que chegava a suas casas, a tentativa de ajudar outras pessoas, o desespero, o medo e a angústia. Os enunciados seguintes representam discursos relatados diretos, transcritos na íntegra:

1. “Oi, pai! Quanta saudade! Estou te escrevendo para te contar o que aconteceu depois daquele 5 de novembro de 2015. A nossa vida nunca mais foi a mesma. Eu, a minha mãe e a minha irmã tivemos que reaprender a viver; tomar atitudes que era você quem sempre tomava. Começamos a crescer na marra e a entender o sentido da saudade”. (Sandra)

2. “Quando chegou perto do portão da igreja, a caminhonete não podia subir mais. Carreguei minha avó e levei até perto do barranco, mas não consegui subir. Uns caras ajudaram. Ajudei a salvar outra idosa. Pedi o Wilson para ajudar. Ele cansou. Carreguei até o meio do mato, e aí o Jonas me ajudou” (Pablo)

3. “Toda vida morei na roça, nunca gostei da cidade. Tive todos os meus filhos em casa, nunca fui ao hospital. Nunca tive problema. Eu dançava no resguardo. Criar filho na roça era com muita dificuldade. Tinha que trabalhar na roça, roçando, capinado, plantando. Quando meus filhos estavam solteiros, ficava tudo perto de mim. Nunca me largaram. Criei todos eles sem discussão um com o outro. Adoro meus filhos. Tenho ciúme deles. Hoje, sinto falta da minha cama. Perdi todas as camas”. (Mônica do Santos)

4. “Lá no Bento era assim: a gente ficava amigo a semana inteira, trabalhando, não sei o que. Aí no final de semana a gente brigava com todo mundo: brigava no futebol, brigava no truco, qualquer coisa. Aí na segunda-feira voltava a conversar. Era tipo irmão mesmo”.

Saudade dos que morreram no desastre, desespero no dia do acontecimento, lembranças boas da convivência com os vizinhos. Essas são as recordações dos atingidos, é o que trazem na memória do dia em que foram vítimas do crime da Samarco. Os textos jornalísticos e as imagens divulgadas pelo jornal são a materialização discursiva do acontecimento pelo motivo de estarem sendo difundidos e por promoverem trocas sociais por meio da linguagem instaurando vínculos e produzindo efeitos. Utilizando as narrativas de vida dos atingidos, por meio da (re) construção do passado, o jornal procura manter uma linguagem acessível para os próprios atingidos e a escolha do discurso direto, as aspas, permite reforçar a presença do outro no discurso e que o interlocutor se identifique com as falas, pois foram utilizados artifícios que remetem à vida simples, pacata, de amizades, do trabalho na roça que é do domínio comum dos leitores que o jornal tem como públicos-alvo. Além disso, funcionam como estratégia de credibilidade e de captação ao mesmo tempo, pois os trechos escolhidos, são patêmicos.

No enunciado 1, reforçou-se a dificuldade encontrada com a perda de um pai no seio familiar. No 2, as dificuldades e o desespero na tentativa de salvar as pessoas no dia do desastre. Nos enunciados 3 e 4, a vida que tinham antes do acidente é lembrada e os detalhes são postos em cena, havendo forte presença do *páthos* (estimula o sentimento de tristeza) no discurso.

2.4 Categoria “Mobilização e Expectativas”

O propósito da última categoria “Mobilização e Expectativas” é trazer alguns enunciados que refletem a busca dos atingidos em se unirem, de se estabelecerem como um grupo que buscam os mesmos objetivos e buscam o que é deles por direito. O primeiro enunciado (1) seguinte foi retirado da edição zero na qual o título da matéria “E se fosse com você?” Mostra duas moradoras de dois distritos atingidos pela lama Paracatu de Baixo e Bento Rodrigues. As duas conversam sobre o período de transição, da saída compulsória de seus lares e a vida em locais provisórios ajeitados pela Prefeitura de Mariana e a Samarco. O segundo enunciado (2) foi retirado da terceira edição cuja matéria intitulada “A lavoura perto do Bento” traz depoimentos dos atingidos sobre a possibilidade do distrito Lavoura ser o lugar ideal para receber a comunidade. As expectativas dos atingidos estão bem representadas no enunciado 2. O enunciado 3 foi retirado da matéria “A união faz a geleia” que mostra a luta dos atingidos para retomar as atividades e reconstruir suas vidas.

1. “Aqui na rua, ninguém teve preconceito não, todo mundo trata a gente bem, né, Dona Maria? O preconceito vem de quem não conhece e não quer conhecer nem a gente nem nossos problemas. Dizer que somos vagabundos porque estamos brigando e conquistando direitos e recebendo a solidariedade – que é da maioria – é

desconhecer o que somos e o que temos passado. Só quero o que é meu por direito. Não quero mais nada além disso”. (Marinalva)

2. “A maioria tem o mesmo objetivo: viver num cantinho, sossegado, na rocinha lá, com os mesmos vizinhos, todo mundo unido, do mesmo jeito. Pra você ver como que a gente sente falta um do outro. Isso mostrou que, querendo ou não, a gente gostava um do outro e não percebia. A gente não percebia como que a gente gostava do Bento”.

3. “Queremos a sede da Associação no novo Bento do jeitinho que ela era, nada mais. Com o espaço para plantar, para processar a pimenta e para produzir a geleia. Vamos continuar a lutar”, (Rosângela)

Nessa categoria, voltada para os aspectos que envolvem a mobilização e expectativas dos atingidos, os locutores defendem a ideia de que querem apenas o que lhes foi retirado abruptamente. Os enunciados sustentam um discurso de tradição, de origem. Há um resgate da memória de que onde moravam que era bom e querem exatamente o que tinham, nem mais nem menos. As premissas da argumentação utilizadas pelo jornal tratam de valores como mobilização, poder da união, espírito democrático e companheirismo. Na expressão “Pra você ver como que a gente sente falta um do outro”, nota-se a intenção do jornal em reforçar a liberdade de pensamentos e de expressão dos atingidos por meio do veículo de comunicação, fazendo parecer que eles estão dialogando diretamente com seus interlocutores como se estivessem em uma conversa informal. Após o acontecimento, os moradores de Bento se perceberam como amigos, conforme assinala o locutor 2. Ao que parece, com esse depoimento, que os laços afetivos entre moradores foram estreitados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo elegeu, dentro do cenário do rompimento da barragem da Samarco em Mariana (MG), fazer uma análise das estratégias discursivas elaboradas pelos atingidos, materializadas em quatro edições do jornal “A Sirene – para não esquecer”, ou simplesmente “A Sirene”, um espaço midiático contra-hegemônico, criado para este fim. Se o tema parece que vai perdendo força, este estudo faz um convite para não esquecer! Apesar de ter sido amplamente noticiado pela mídia local e internacional, a maior tragédia socioambiental brasileira já começa a ser soterrada pela mídia. Ignoram-se os conflitos de interesses entre os diversos atores, minimizam-se as contradições das falas e depoimentos e assimilam-se com mais intensidade as atuações dos personagens majoritários envolvidos nesse cenário, quais sejam: executivos da empresa Samarco, autoridades dos governos municipal, estadual e nacional, políticos, representantes das agências reguladoras e responsáveis pelas questões ambientais, entre outros, cujos discursos são regidos por advérbios e pronomes totalizantes como: “lamentavelmente”, “imediatamente”, “absolutamente todos os esforços” em relação ao “ocorrido”, “todas as ações”, “todos os esforços”, “igualmente não medindo esforços”, “todo apoio”, “toda solidariedade”, “lamentamos profundamente” o “acontecido” (CASTILHO, 2015).

O jornal surge para dar voz dos moradores atingidos, rompendo o cerco midiático, a manipulação de informações e o silenciamento daqueles, consolidando um espaço autônomo de informação e difusão contra-hegemônica. O jornal oportuniza aos moradores livre expressão de seus dramas pessoais, suas lutas, conquistas, memórias, indignações e expectativas em relação ao futuro. Ao promover essa liberdade de expressão, o jornal resgata “os imaginários engendrados pelos discursos que circulam nos grupos sociais, que se organizam em sistemas de pensamento coerentemente criados de valores, representam o papel de justificativa da ação social e se depositam na memória coletiva” (CHARAUDEAU, 2007, p. 54).

As categorias que emergiram do *corpus* analisado apontam para a intensa relação que se estabelece entre os recursos linguísticos utilizados, o meio histórico-social no qual se originam e o espaço midiático onde foram registrados. É possível afirmar, com base em Charaudeau (2007), que os imaginários sociodiscursivos aqui apresentados, representam um modo de apreensão da “realidade” com a qual essas pessoas estão assimilando e aprendendo a conviver. Recorre-se a mecanismos das representações sociais, construindo uma simbolização do real por meio da ordem afetivo-racional atravessada pela intersubjetividade das relações humanas e se depositando na memória coletiva. Essas inferências são constatadas no jornal quando os atingidos relatam o aconchego e a saudade de sua terra, que a casa é o melhor lugar de se viver; o não comprometimento da empresa que só visa ao lucro; entre outros.

Na perspectiva de Charaudeau (2007), os imaginários podem ser qualificados como “sociais” no momento em que a atividade de simbolização do mundo acontece no domínio da prática social, seja nas dimensões artística, política, jurídica, religiosa, educativa, midiática, entre outras. A denominação “sociodiscursivos” é dada na medida em que se “cria a hipótese de que seu sintoma é a fala” (CHARAUDEAU, 2007, p. 53), isto é, resultam da atividade de representação que constrói universos de pensamento, laços de instituição de verdades, sedimentação de discursos narrativos e argumentativos que propõem uma explicação dos fenômenos do mundo e dos comportamentos humanos. As vozes mobilizadas dos atores sociais são conduzidas e legitimadas pelo jornal “A Sirene” pelo uso de aspas no fio do discurso. As aspas têm um significado fundamental nos textos jornalísticos, pois elas demarcam as falas dos atingidos, além de restabelecer os pontos de vista do locutor citado. O modo de citação do jornal, na maioria das vezes, aparece de modo direto, reproduzindo o dito dos atingidos o que reforça a ideia de que o espaço é totalmente deles e voltado para eles.

Ademais, é importante ressaltar, que o intuito é que essa discussão aqui tratada possa provocar reflexões no sentido de criar uma agenda sobre a atividade de mineração em Minas Gerais e a intensa dependência financeira a que os municípios envolvidos estão submetidos. Urge que se

reflita sobre temas como: esgotamento dos recursos minerais, o modelo de extração, infraestruturas, proximidade de reservas e de populações tradicionais, divisão dos lucros, desigualdades e explorações, interesses políticos, entre outros. Não se pode correr o risco de se naturalizar o que aconteceu em Mariana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BRASIL, Portal (2015). Entenda o acidente de Mariana e suas consequências para o meio ambiente. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/meio-ambiente/2015/12/entenda-o-acidente-de-mariana-e-suas-consequencias-para-o-meio-ambiente>. Acesso em: 10 jul. 2016.

CASTILHO, Alceu. A lama da Samarco e o jornalismo que não dá nome aos bois. Disponível em <http://outraspalavras.net/alceucastilho/2015/11/09/a-lama-da-samarco-e-o-jornalismo-que-nao-da-nome-aos-bois/>, 2015. Acesso em 14 jul. 2016.

CHARAUDEAU, Patrick. Discurso das mídias. São Paulo: contexto, 2010.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo (SP): Contexto, 2014.

CHARAUDEAU, Patrick. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, Ida Lucia; MELLO, Renato de (Org.). *Gêneros reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: NAD/UFMG, 2004. p. 32-51.

CHARAUDEAU, Patrick. “Les stéréotypes, c’est bien, les imaginaires, c’est mieux”. In: BOYER, Henri. *Stéréotypage, stéréotypes: fonctionnements ordinaires et mises en scène*. Langue(s), discourse. Vol. 4. Paris: Harmattan, 2007, p. 49-63.

CORTEZ, Suzana Leite. *A representação de pontos de vista no artigo científico*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo - v. 8 - n. 2 - p. 177-196 - jul./dez. 2012.

FIOCRUZ, (2016). Fiocruz e outras entidades divulgam manifesto em apoio às vítimas da tragédia provocada pela Samarco. Disponível em <http://www.cpqrr.fiocruz.br/pg/blog/fiocruz-e-mais-20-entidades-divulgam-manifesto-em-apoio-as-vitimas-da-tragedia-provocada-pela-samarco/>. Acesso em: 10 jul. 2016.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em Análise do Discurso*. 3. ed. Campinas, SP, Pontes/Ed. Unicamp, 1997.

MEDEIROS, Amanda. *COMUNICAÇÃO, PODER E CIDADANIA: o encontro do alternativo e do contra-hegemônico em um mesmo veículo midiático*. Anais do XIV Congresso Internacional IBERCOM, São Paulo, SP, 2015.

MORAES, Dênis. Agências alternativas em rede e democratização da informação na América Latina. In.: Moraes, D.; Ramonet, I.; Serrano, P. (orgs.) *Mídia, poder e contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação*. São Paulo: Boitempo, p. 103-144, 2013.

O TEMPO. Minas Gerais vira ‘refém’ da mineração em relação perigosa. *Disponível em:* <http://www.otempo.com.br/cidades/minas-gerais-vira-ref%C3%A9m-da-minera%C3%A7%C3%A3o-em-rela%C3%A7%C3%A3o-perigosa-1.1185431>. Acesso em 14 jul..2016.